

A RELAÇÃO ENTRE MOVIMENTOS SOCIAIS, AS TIC E A MUDANÇA SOCIAL DE ACORDO COM A COMUNIDADE CIENTÍFICA

Belén Casas-Mas

bcasas@ucm.es

Doutora em Comunicação Social na Universidade Complutense de Madrid (UCM, Espanha) e Investigadora da UCM, apoiada pelo plano nacional da FPU do Ministério da Educação, Cultura e Desporto de Espanha (2013-2017). Tem uma licenciatura em Gestão e Atividades Turísticas (2002) pela UNED, e uma licenciatura em Publicidade e Relações Públicas (2011) pela Universidade Rey Juan Carlos, tendo ganho o prémio extraordinário de fim de curso em 2011. É mestre em Comunicação Social (2013) pela UCM, e atualmente é membro do Grupo de Investigação "Identidades Sociais e Comunicação" (UCM).

Resumo

A rápida disseminação das tecnologias da informação e da comunicação (TIC) mudou a forma como os movimentos sociais utilizam a Comunicação Pública e o farão novamente no futuro. Este artigo apresenta uma análise da literatura académica relacionada com a influência das transformações das TIC nos movimentos sociais e respetivas consequências para o consentimento social. O estudo baseia-se numa das dimensões da I&D: "Produção Social de Comunicação e Reprodução Social na Era da Globalização". É realizado através de uma análise do conteúdo das representações prestadas pelas instituições científicas que intervêm na reprodução social do significado. Dentro do quadro teórico da Produção Social da Comunicação, a análise inclui um corpus de 180 futuros cenários da literatura científica e técnica nesta área. Os resultados sugerem que as TIC promovem o acordo entre vários grupos sociais, mas que esse fato pode simultaneamente desencadear conflitos com outras instituições ou governos.

Palavras-chave

Novas tecnologias, reprodução social; transformação social; movimentos políticos; ONGs; comunicação pública.

Como citar este artigo

Casas-Mas, Belén (2017). "A relação entre movimentos sociais, as TIC e a mudança social de acordo com a comunidade científica". *JANUS.NET e-journal of International Relations*, Vol. 8, N.º 2, Novembro 2017-Abril 2018. Consultado [online] em data da última consulta, DOI: <https://doi.org/10.26619/1647-7251.8.2.8>

Artigo recebido em 17 de Maio de 2016 e aceite para publicação em 31 de Julho de 2016





A RELAÇÃO ENTRE MOVIMENTOS SOCIAIS, AS TIC E A MUDANÇA SOCIAL DE ACORDO COM A COMUNIDADE CIENTÍFICA¹

Belén Casas-Mas

Introdução

A revolução das novas tecnologias decorre há mais de duas décadas e os organizadores do movimento social mundial incorporaram essas novas ferramentas de comunicação digital em todas as suas ações. Páginas da web, petições *online*, listas de correspondência, e-mails individuais, etc., aceleraram os processos de comunicação, conduzindo a um acordo entre os diferentes grupos sociais com o objetivo de atingir um objetivo comum. O contributo das TIC determina fortemente a consecução do consenso intergrupar, pois contribui para uma maior visibilidade dos movimentos sociais, aumento da capacidade de mobilização das pessoas, impacto mais vasto e aumento das interações entre os membros.

Qualquer movimento social luta para alcançar diferentes propósitos que, em termos gerais, podem ser considerados como os passos necessários para promover uma mudança social real. No entanto, perguntamo-nos se a introdução de novas tecnologias digitais na vida quotidiana dos movimentos sociais não só gera acordos, mas também pode trazer transformações socio-históricas ou, pelo contrário, a reprodução social.

Este artigo insere-se na área dos estudos sobre movimentos sociais e mudanças sociais, quando ambos os fenómenos estão relacionados com a dinâmica do consenso/conflito e inovações técnico-científicas, em particular com a aplicação social das TIC.

O objetivo principal do estudo é o seguinte: saber como determinadas "mudanças socio-históricas" relacionadas com o uso das TIC pelos movimentos sociais estão a ser entendidas nos campos científico e académico.

"As mudanças socio-históricas" são aquelas transformações com um carácter irreversível na história da humanidade. Por exemplo, a digitalização será irreversível, tal como aconteceu com o uso da impressão. A literatura relacionada e especializada pode oferecer várias representações dessas mudanças socio-históricas que ocorrem dentro da comunidade científico-académica. No presente estudo, selecionou-se uma amostra desses recursos para analisar os textos nos quais os autores descrevem os cenários que preveem possíveis mudanças derivadas do uso que os movimentos sociais estão a fazer das TIC. São "cenários futuros" que envolvem dinâmicas de consenso social e conflito (Bernete e Velarde, 2014:93).

¹ A tradução deste artigo foi financiada por fundos nacionais através da FCT - Fundação para a Ciência e a Tecnologia - no âmbito do projeto do OBSERVARE com a referência UID/CPO/04155/2013, e tem como objetivo a publicação na Janus.net. Texto traduzido por Carolina Peralta.



Análise da literatura

As contribuições anteriores da investigação científica a partir de diferentes abordagens ligaram movimentos sociais a protestos, tumultos e manifestantes que lutavam contra governos e organizações. Em toda a história da democracia, os meios de comunicação apreenderam o impacto desses eventos disruptivos, tornando-o o centro de atenção na maioria dos estudos (Tilly, 2009). Ao referirem os protestos que extravasam as fronteiras nacionais, Della Porta e Tarrow (2004) não usam a expressão "movimentos sociais", onde o estado é o cerne do conceito, preferindo a expressão "ativismo transnacional".

Pelo contrário, ao explicarem os fenómenos do movimento social, alguns autores (Polleta, 2002; Armstrong & Bernstein, 2008) consideram que considerar apenas o estado significa ignorar uma estrutura completa dessas organizações. Essa estrutura não pode ser separada da cultura e da identidade, o que significa outras relações não-políticas. Armstrong e Bernstein (2008: 74) argumentam que a conceção de reivindicação pública formal que visa o estado "é muito redutora para abranger a diversidade dos esforços de mudança contemporâneos" e marginaliza alguns movimentos sociais.

De acordo com Gillan (2017: 271), "a primeira metade desta década assistiu a uma tremenda vaga de protestos". Houve uma mudança na natureza desses acontecimentos disruptivos: da teoria do movimento social dos anos sessenta que enquadrava os estudos sobre a mudança (mobilizações de estudantes, trabalhadores, agricultores e mulheres que reivindicavam o direito à governação) (McAdam, 1988), passou-se para o crescimento do ativismo identitário. Parece que o que todos os estudos partilham é um "interesse pelos processos de contestação e mobilização coletiva" (Schneiberg e Lounsbury, 2017: 282). Cornelissen e Werner (2014) também referem o interesse pela ação coletiva e pela capacidade dos ativistas em recrutar membros e obter aceitação e apoio. Essa capacidade baseia-se em modos de representação que motivam os atores, porque estão fundamentados em sistemas de crenças culturais mais amplos (Cornelissen e Werner, 2014: 199).

Para tornar possível a ação coletiva, os ativistas precisam pelo menos de ter sucesso no enquadramento da identidade criativa. O desenvolvimento de um movimento social dependerá, portanto, do estabelecimento de um vínculo claro entre a questão que eles querem mudar e "uma ou mais identidades altamente prominentes, conferindo assim a posse da questão a esses grupos" (McAdam, 2017: 200).

Desde a Primeira Revolução Industrial, vários sociólogos analisaram a relação existente entre movimentos sociais e instituições estatais ou privadas e o respetivo impacto na sociedade civil. Esses pensadores associam frequentemente o problema à dinâmica do conflito e do consenso (Coser, 1956; Galtung, 1969; Curle e Dugan, 1981; Freedman, 2014). A forma como essas dinâmicas se manifestaram entre 1970 e 2011 é a questão fulcral que une a literatura académica neste artigo. Como De Bakk et al. (2013: 288) escreve, "os grupos que procuram mudanças geralmente mobilizam-se coletivamente fora das instituições bem implantadas para afirmar novas lógicas e perturbar acordos tomados como certos". Como se demonstrará de seguida, as lógicas disruptivas envolvem consentimento dentro dos grupos que colidem com a ordem normalizada.



Quadro teórico: Teoria da Comunicação Social

Este artigo baseia-se num estudo que analisa as relações entre as transformações no Sistema de Comunicação que afetam os movimentos sociais e os respetivos vínculos às mudanças sociais. Em particular, examina se essas transformações na comunicação conduzem à criação de dinâmicas de consenso, dinâmicas de conflito ou ambas ao mesmo tempo. Na análise efetuada, prestou-se igualmente atenção a outras dinâmicas que afetam toda a sociedade.

O quadro teórico do estudo é a Teoria da Comunicação Social desenvolvida por Manuel Martín Serrano (Martín Serrano, 1986). Esta teoria interpreta as relações entre as formações sociais (SS) e os sistemas institucionais de comunicação (CS) como uma interdependência entre dois sistemas que são autónomos, mas que se afetam mutuamente.

As reflexões teóricas sobre esta associação surgem no século XVI. Desde então, os usos sociais das tecnologias da comunicação e da informação têm sido frequentemente considerados os procedimentos principais de transformação das relações institucionais e interpessoais. Humanistas, Iluministas e Positivistas têm partilhado esse ponto de vista sócio-histórico, o que os ajudou a prever a mudança nas sociedades pré-industriais (Martín Serrano, 2014).

Desde o momento do advento dos meios de comunicação social eletrónicos, essas tecnologias foram consideradas a base para o desenvolvimento da "sociedade de massa". Desde Gabriel Tarde (2011, 1890), o uso maciço das comunicações mediadas tem sido encarado como inseparável das revoluções industriais. Além dos teóricos culturais, os funcionalistas e os autores estruturalistas são os principais cientistas que aliaram os usos sociais das TIC ao progresso humano. Deve frisar-se que, após a Segunda Guerra Mundial, a "visão otimista e progressista" das mudanças históricas com base no desenvolvimento científico e económico não foi tão partilhada como antes. Os autores da Escola de Frankfurt e os de outras linhas críticas mostraram que a "Comunicação Social" tinha tido muito a ver com a ordem mundial estabelecida após o conflito da guerra e com os novos mecanismos de controlo social.

Com base nos postulados marxistas, o autor da *La Producción Social de la Comunicación* (Martín Serrano, 1986) tem uma perspetiva baseada na análise da comunicação e da sociedade. Esta abordagem assenta num critério de homologia/diferença entre os níveis (CS) e (SS), uma vez que em ambos os casos existem os mesmos níveis: infraestrutura, estrutura e superestrutura.

A "Teoria da Comunicação Social" foi desenvolvida quando não era possível imaginar os recursos e a produção da rede digital. Portanto, as mudanças sociohistóricas relacionadas com as novas TIC foram excluídas da análise do movimento social. Este artigo procura proporcionar essas análises, incluindo as TIC.

Quadro metodológico: produção social da comunicação e reprodução social

Neste estudo utilizou-se a mesma metodologia implementada anteriormente num projeto de Investigação e Inovação. Este projeto, intitulado "Produção social de comunicação e



reprodução social na era da globalização"² envolveu uma análise de conteúdo dos discursos científicos na literatura especializada. Esses discursos estão relacionados com interdependências existentes entre as transformações da comunicação e as mudanças sociais na era da globalização. Do total de recursos examinados (70 livros, 10 capítulos de livros e 33 artigos em revistas científicas, publicados entre 1970 e 2011), criou-se um corpus de 2300 frases que foi incluído na base de dados de I&D. Uma "frase" é definida da seguinte forma:

[...] é a transcrição de um argumento sobre uma narrativa bem formada, seguindo uma concepção que torna esse raciocínio comparável a outros alternativos (Bernete e Velarde, 2014: 95).

Neste caso, o que se analisa é a narrativa científica. A localização e as transcrições desses argumentos provêm de um projeto anterior³, baseado na aplicação de técnicas estruturais e discriminativas, o que permite a construção de unidades de análise mensuráveis e quantificáveis equivalentes. A tabela 1 ilustra o protocolo com a lista de referências consideradas pelos analistas na recolha de dados de I&D:

Tabela 1. Protocolo para Seleção de Fontes

<p>I. TRANSFORMAÇÕES NA COMUNICAÇÃO QUE SE REFLETEM NA COMUNICAÇÃO PÚBLICA [SCp].^a TRANSFORMAÇÕES QUE TRANSCENDEM (OU TRANSCENDERÃO) OUTROS SISTEMAS NÃO COMUNICACIONAIS [SS] - [SR]</p> <p>Tipos de referências:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Transformações de sistemas de comunicação públicos • Transformações de processos de comunicação públicos • Transformações de mediações de comunicação públicas <p>E, correlativamente:</p>
<p>II. MUDANÇAS NOS SISTEMAS NÃO COMUNICACIONAIS [SS] - [SR] que estão (ou estarão) associados a transformações nos sistemas de comunicação públicos [SCP].</p> <p>Tipos de referências:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Mudanças na organização e componentes do sistema social • Mudanças nas mediações sociais • Referências a grupos envolvidos nas mudanças sociais
<p>III. NA MEDIDA EM QUE ESSAS RELAÇÕES ESTÃO RELACIONADAS (OU PODERÃO VIR A ESTAR) COM A REPRODUÇÃO SOCIAL NA ERA DA GLOBALIZAÇÃO</p> <p>Tipos de referências:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Reprodução ou transformação dos estados e dinâmicas da sociedade globalizada.

^a A "comunicação pública" usa sistemas de comunicação que **não** são privativos e **não** têm restrições de acesso (por definição).

Fonte: Bernete e Velarde, 2014:100.

No presente estudo, recorreu-se a uma perspectiva ampla e inclusiva sobre o problema para selecionar a amostra. A seleção do campo semântico assenta em alguns dos temas propostos pelo *Journal of Social Movement Studies*⁴: contributos que examinam os

² Projeto de I & D com a referência: CS020010-22104-C03-01. De: 01/2011 a 12/2013. Daqui em diante mencionado como <I&D>.

³ Para uma descrição detalhada do Projeto e Teste de Modelos para a Análise de Cenários Futuros, veja-se Bernete e Velarde (2014: p.94).

⁴ Veja-se: <http://www.tandfonline.com/action/journalInformation?show=aimsScope&journalCode=csms20>



diferentes tipos de movimentos, incluindo gênero, raça, direitos dos povos indígenas, ecologia, juventude, religião, deficiência e outros. Inclui também todas as formas de representação e de comunicação ligadas à mudança social, como ciberculturas, *hackers*, etc. e redes que suportam "formas de vida" alargadas associadas a sistemas sociais alternativos, "identidades e construção de identidades coletivas", reflexões teóricas sobre o contexto de espaço ("movimentos socioeconômicos e culturais locais, regionais, nacionais, internacionais e globais") e abordagens teóricas "sobre a importância dos movimentos sociais e dos protestos".

A partir da base de dados acima referida, estabeleceu-se um critério baseado em parâmetros de pesquisa para obter informações relacionadas com as transformações comunicacionais que afetam objetos coletivos, como os movimentos sociais e políticos, e as ONGs. O resultado dessa pesquisa resultou numa amostra de 180 frases, cujo conteúdo é descrito e analisado neste artigo.

Dinâmicas relacionadas com os movimentos sociais, consenso social e conflito

Na amostra selecionada para este estudo, há informações sobre as diversas dinâmicas do consenso social e dos conflitos que estão a ocorrer numa sociedade onde as TIC desempenham um papel importante nas mudanças sociais nas quais esses coletivos estão envolvidos. Portanto, o objetivo desta análise é contribuir para o conhecimento desses tipos de dinâmica e determinar as diferentes formas que podem assumir. Entre estas dinâmicas, encontramos as seguintes: acordo social relativo à consciência coletiva, compromisso político, questões morais ou participação em assuntos públicos; e conflitos sociais que conduzem a protestos de grupos, ou resistência civil, entre muitos outros. A análise está organizada de acordo com as seguintes fases:

Primeira fase: coletivos afetados

Esta fase concentra-se no estudo das organizações e coletivos afetados, que são os seguintes:

- ONGs
- Movimentos sociais, que incluem grupos feministas, *hackers* e sindicatos.
- Movimentos políticos em geral e os que incluem movimentos de libertação (como o EZLN - o Exército Zapatista para Libertação Nacional -).
- A sociedade civil em geral, que pode criar movimentos sociais diversos quando afetada pela comunicação pública.

Deve especificar-se que existem frases que se referem à comunicação pública utilizada pelas instituições em geral, incluindo: ONGs, movimentos sociais e movimentos políticos.

Tabela 2. Coletivo social afetado

ONG	Movimentos sociais	Movimentos políticos	Sociedade civil
31%	90 %	27%	17%

Fonte: da autora



Os resultados na tabela acima referida mostram que a grande maioria das frases se referem a transformações comunicacionais que afetam os movimentos sociais. Apenas um terço das frases se refere às ONGs, seguido pelas que se referem a movimentos políticos. Por fim, apenas um quarto das frases se relaciona com transformações comunicacionais que provocam mobilizações sociais de vários tipos.

Segunda fase: dinâmica de consenso e conflito social

A dinâmica do consenso social // conflito gerado pelas transformações do sistema comunicacional são especificamente analisadas nesta fase, de acordo com o seguinte protocolo⁵:

Tabela 3. Dinâmica do Consenso Social/Conflito relacionado com os usos das TIC pelo Movimento Social

<p><i>Referentes exclusivamente ao consenso social, quando promovem:</i></p> <ul style="list-style-type: none"> - Desenvolvimento social. - O fim da pobreza e da exclusão social. - Satisfação das reivindicações sociais. - Solidariedade. - Integração regional. - Equilíbrio social e económico a nível mundial. - Igualdade social. - Distribuição justa da riqueza. - Democratização - Liberdade de expressão. - Desenvolvimento de uma sociedade multicultural. - Libertação de povos e grupos.
<p><i>Referentes exclusivamente ao conflito social, quando contribuem para:</i></p> <ul style="list-style-type: none"> - Diminuição do controlo do Estado sobre a população ou outras instituições privadas. - Deterioração ou rotura das relações sociais ou institucionais. - Conflitos de identidade. - Atividades criminosas. - Aumento da agressividade. - Caos e fragmentação social.
<p><i>Referentes ao consenso e, eventualmente, ao conflito, quando simultaneamente:</i></p> <ul style="list-style-type: none"> - Encorajam o acordo entre grupos antiglobalização e o conflito com as instituições que sustentam o sistema globalizado - Facilitam a mobilização de grupos contra a ação dos governos (guerras, leis, etc.). - Permitem a partilha de interesses, o que pode reforçar comportamentos patológicos ou destrutivos. - Permitem a transferência da ação coletiva para as TIC, o que dá origem a mudanças drásticas e radicais (na sociedade, família, relacionamentos, etc.).

Fonte: da autora.

Os resultados da segunda fase do estudo são apresentados na tabela em baixo:

⁵ O protocolo baseia-se nas categorias utilizadas na Tese de Doutoramento de Casas-Mas, B. (2017). Transformações da Comunicação Pública na Era da Globalização e sua Influência no Consenso e Conflito Social. Universidade Complutense de Madrid (Espanha).



Tabela 4. Número de frases incluídas em cada dinâmica de consenso // conflitos

Dinâmica	Porcentagem de Frases
Que se referem exclusivamente ao consenso social	16.
Que se referem exclusivamente ao conflito social	5.
Que se referem exclusivamente ao consenso, e, eventualmente, ao conflito	79.

Fonte: da autora.

Tendo em conta estes resultados, considera-se o seguinte:

- As transformações comunicacionais geram consenso social quando todos os setores da sociedade, tanto públicos quanto privados, beneficiam delas. Um quarto de frases está exclusivamente relacionada com o consenso social. Por exemplo:

"A introdução das TIC possibilita novas formas de comunicação para o trabalho comunitário (uma transformação comunicacional de que depende), e o desenvolvimento de políticas inclusivas para todos os setores da sociedade, políticos, funcionários de ONGs, representantes das comunidades locais e líderes do setor privado, o que permite o crescimento económico e social" (ID⁶. 1626, base de dados de I&D).

- As transformações comunicacionais também podem conduzir ao consenso entre diferentes grupos sociais, mas, ao mesmo tempo, desencadear divergências com outros grupos ou instituições que detenham posições ou interesses diferentes. Esta categoria "consenso/conflito" inclui quase todas as frases em que a transformação comunicacional afeta movimentos sociais, as ONGs e outros movimentos políticos. Isso acontece porque esses tipos de instituições geralmente visam a mudança social ou a transformação da ordem estabelecida, o que contraria os interesses de outras instituições privadas, governos, etc. Por exemplo:

"As novas estratégias de comunicação e dos media criam novas formas de acesso ao espaço público, o que permite que movimentos sociais e políticos lutem em igualdade de condições com os restantes atores políticos". (ID 96, base de dados de I&D).

Há uma diferença substancial entre a frase acima referida e a anterior: na frase 96, o acordo entre grupos de cidadãos possibilita "lutar" contra outros grupos.

- É notável que apenas quase uma em cada dez frases da amostra se refira exclusivamente a conflitos sociais. Parece ser um resultado fraco, na medida em que

⁶ ID. Identificador de frases na base de dados de I&D.



a análise dos movimentos sociais tem sido historicamente associada a protestos, tumultos e lutas entre grupos. No exemplo em baixo, o conflito é sobre movimentos sociais que lutam para ter acesso a inovações tecnológicas em alguns países no mundo e não um conflito de interesses com uma instituição.

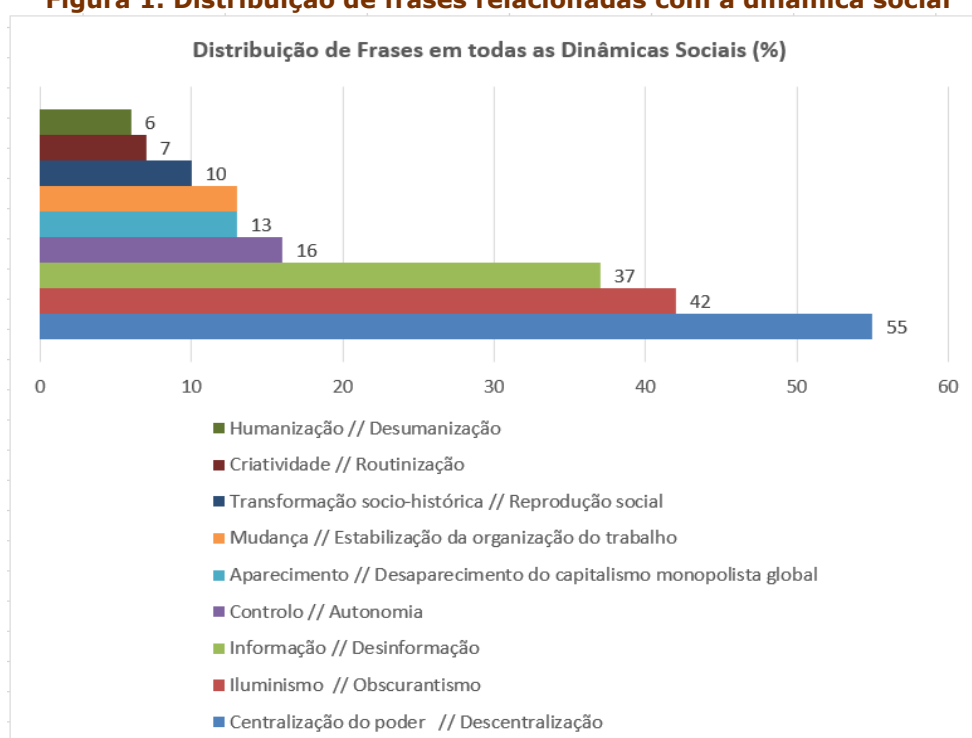
"A divisão digital (a quase ausência de estruturas de comunicação) causa obstáculos que impedem o desenvolvimento de grupos sociais na América Latina e em África". (base de dados de I&D).

Terceira fase: outras dinâmicas sociais

O design metodológico da I&D acima referida considerou uma categorização das frases estabelecidas de acordo com nove dinâmicas sociais afetadas por transformações comunicacionais (Cf. Bernete e Velarde, 2014). A mesma categorização foi utilizada na presente análise, a fim de estabelecer as relações com o consenso social e o conflito.

O gráfico seguinte ilustra a distribuição das frases em cada dinâmica social, e que em algumas ocasiões a mesma frase pode ser simultaneamente relacionada com várias dinâmicas.

Figura 1. Distribuição de frases relacionadas com a dinâmica social



Fonte: da autora.

Dinâmica social 1: "Centralização de poder // Descentralização"

A maioria das frases analisadas descrevem as inovações tecnológicas que envolvem a descentralização do poder da seguinte forma: diminuição do poder político e económico,



declínio do poder de algumas instituições, horizontalidade do poder, participação, democratização ou deslegitimação do sistema atual e respetivas instituições.

Relativamente aos textos que se referem exclusivamente ao consenso social, surge uma questão na maioria dos casos: *a participação virtual aumenta a participação das ONGs* (Zhao e Hackett, 2005) e *movimentos sociais* (López, Roig e Sádaba, 2003). Essas organizações permitem que os seus membros trabalhem juntos (Klein, 2001), garantindo o sucesso nas mobilizações em massa (Surman e Reilly, 2005; Tilly, 2009). Além disso, a comunicação virtual promove a legitimação das atividades das ONGs e de outras organizações de voluntários (Surman e Reilly, 2005).

Do ponto de vista sociológico, Coser (1956: 204) referiu que esses processos de legitimação beneficiam até mesmo os governos, porque esses tipos de grupos atuam como "válvulas de segurança", evitando potenciais conflitos.

Han (2014a: 23) assume um ponto de vista mais crítico, defendendo que o consenso entre os membros dos movimentos sociais é efêmero e não duradouro, precisamente devido à velocidade da comunicação digital.

Relativamente aos textos alusivos ao consenso e, eventualmente, ao conflito, existem algumas frases relacionadas com as seguintes questões:

- a) *A ciberdemocracia pode alterar os padrões convencionais do poder* (Curran, 2005), *o que poderia afetar a corresponsabilidade dos membros das comunidades virtuais* (Willson, 1997). Melucci (1980) advertiu sobre o risco de descontinuidade e fragmentação dos movimentos sociais devido a essa tendência para a horizontalidade do poder.
- b) *O acordo de mobilização social enfraquece o poder dos Estados e dos governos.*

A Internet facilita a mobilização, a identificação de interlocutores globais e possibilita a compreensão das reivindicações sociais, envolvendo mais segmentos da sociedade civil (Tilly, 2009). Além disso, a Internet incentiva as negociações com o poder político, assim como limita o alcance da ação do Estado e o desenvolvimento de uma ordem militar (Valencia, 2003). Isso segue as linhas de pensamento de Manuel Castells (2009, em Freedman, 2014), que destaca a contradição "apesar da crescente concentração de poder, capital e produção no sistema de comunicação global, o conteúdo e o formato reais das práticas de comunicação são cada vez mais diversificadas" (Freedman, 2014: 56). Da mesma forma, é considerável o número de frases em que o papel das TIC é o de proporcionar liberdade de expressão. Essa liberdade permite que as pessoas expressem a sua opinião política, o que obstrui o privilégio e a imunidade dos estados (Sreberny 2005).

Os textos analisados por vezes descrevem redes sociais como sendo a ferramenta utilizada para mobilizações que derrubam regimes ditatoriais (por exemplo, Gergen, 2008). No entanto, Morozov (2011: 183) alerta para o seguinte: "Antes que os formuladores de políticas adotem o ativismo digital como uma forma eficaz de pressionar os governos autoritários, deverão investigar a fundo o seu impacto, tanto sobre os que o praticam como sobre o ritmo geral do processo de democratização".



- c) *As TIC promovem o consenso entre os movimentos sociais que lutam para mudar a ordem socioeconómica apoiada pela comunicação social.* Por exemplo, as mulheres que exigem aos governos uma maior igualdade de género (Giddens, 2000), os movimentos de comunicação tecnológica que exigem mais liberdade de expressão (Wolton, 2002), etc. Por vezes os textos destacam o questionar a ordem global (Muñoz, 2005; Martín Serrano, 1994), por exemplo, os movimentos de deslegitimação do sistema neoliberal, o paradigma da globalização (Amat et al., 2002; Fuch, 2008; López, Roig e Sádaba, 2003) ou o paradigma da modernização (Miller, 2011).

Dinâmica social 2: "Iluminação // Obscurantismo"

Esta é a segunda dinâmica que inclui um número maior de frases. Refere-se às transformações comunicacionais que conduzem à autonomia de pensamento, da ação, consciência crítica, capacidade de convocar mobilizações políticas e/ou de cidadãos. Está igualmente relacionada exclusivamente com o consenso social, ou com o consenso social e, ao mesmo tempo, com o conflito.

Relativamente aos textos que se referem exclusivamente ao consenso social, a questão mencionada é *mudanças nas representações das mulheres nos meios de comunicação que fortalecem os movimentos feministas* (Curran, 2005). Laube (2010: 15) observa que as abordagens dos movimentos sociais tradicionais também analisaram a mobilização desses grupos marginalizados e as oportunidades políticas que lhes permitem "aceder às instituições convencionais". Na amostra, também se refere a *criação de meios de comunicação populares que permitem aos grupos não-elite atrair maior atenção*, o que beneficia os movimentos em prol da democracia. Sobre este assunto, Teun A. van Dijk sugere: "Redes sociais na Internet de pessoas oprimidas envolvidas no discurso cognitivo nas suas respetivas troca de ideias, crenças, valores, e julgamentos" (van Dijk, 1995: 244).

No que diz respeito aos textos relativos ao consenso e, eventualmente, ao conflito, a questão recorrente é: *a capacidade crítica da globalização gera resistência social contra o sistema globalizado*. Na literatura analisada, nota-se o acordo social de grupos "antiglobalização", "manifestantes", de "resistência" ou "emancipatórios", que promovem uma consciência global para mudar a atual ordem social (Cheney, Ganesh e Zoller, 2005, Petrilli e Ponzio, 2000, Cavallo, 2005, etc.). Além disso, essa mudança desencadeia o conflito com os interesses do poder. O interesse pela deteção de mecanismos de manipulação por parte dos governos norte-americanos e das organizações internacionais levaram os investigadores a analisar o empoderamento progressivo desses movimentos no início da globalização. Posteriormente, as tecnologias digitais tornaram mais fácil o acordo entre membros do "movimento de resistência global" (Amat et al., 2002), como o Movimento Antiglobalização, que foi analisado por diferentes autores (Ramonet, 2000; Chomsky, 1992; Žižek, 2002 e muitos outros). Castells (2002a: 86) salienta que o principal mérito deste movimento é ter colocado no topo do debate político-social o que foi apresentado como o único e indiscutível caminho rumo ao progresso da humanidade.



Dinâmica social 3: "Informação // Desinformação"

Esta é a terceira dinâmica do estudo que abarca um maior número de frases, que estão relacionadas com conceitos como o aumento dos fluxos de informação e o aumento das interações virtuais entre os membros das organizações e os seus seguidores. Nestes textos, apenas o consenso é mencionado. Por exemplo, *os links de interação e de telemática possibilitam a coordenação de ações e de grupos de trabalho através de monitores, o que facilita o aumento dos movimentos sociais e políticos* (López, Roig e Sábada, 2003); ou *a garantia de um serviço universal de comunicação instantânea possibilitará uma conversa global através dos movimentos sociais, o que ajudará a promover instituições democráticas* (Mattelart, 2002).

Nesta dinâmica, a transformação comunicacional envolve um consenso entre grupos ou um consenso social geral. É notável que, como Des Freedman (2014: 109) observa, apesar "das oportunidades de comunicação distribuída que ligam os membros independentes do prazer público, da política ou da educação, há muitas vezes novos pontos de estrangulamento que medeiam o processo". Parece haver, portanto, uma contradição entre o fluxo livre de informação com a proliferação de guardiães e o fenómeno da "hipermediação" (Morozov, 2011), que tanto contribuiu para difundir as novas formas de comunicação (por exemplo, blogues).

Dinâmica social 4: "Controlo // Autonomia"

As transformações comunicacionais que afetam a liberalização e/ou a autonomia dos movimentos sociais foram incluídas nesta dinâmica social, que está em grande parte vinculada ao consenso. Existem dois problemas principais mencionados nestes textos:

- a) As TIC aumentam a autonomia dos grupos vulneráveis.** Essa autonomia é possível quando as TIC melhoram as estratégias de comunicação, ampliando as campanhas e, em geral, quando a reapropriação tecnológica aumenta a eficiência. Toda essa autonomia envolve menos controlo, repressão ou restrição exercida por outras instituições de poder com interesses opostos. Relativamente à autonomia dos movimentos sociais, Mhlanga e Mpfu, 2014: 130) defendem que:

"No mundo em rede de hoje, os grupos que enfrentam desafios para aceder a informação e participar em processos políticos e aqueles que vivem em sociedades onde as leis, políticas e o ambiente político impedem a comunicação livre, encontraram plataformas disponibilizadas pelas novas oportunidades dos meios de comunicação para criar os seus próprios espaços autónomos".

A libertação destes grupos pode estar ligada ao processo de "liberdade de expressão" acima mencionado (Vizer, 2011) graças às TIC, porque a comunicação para o desenvolvimento é disseminada através delas. Assim, torna possível a libertação dos povos oprimidos (Gerace, 2008). Autores como Enzensberger (1971) anteciparam essa abordagem. Ele enfatizou o potencial dos novos meios de comunicação eletrónicos da indústria como um elemento de pacificação para o desenvolvimento. No entanto, outros



autores como Lipset (em Habermas, 1984-1968) questionaram a utopia tecnológica de McLuhan e Enzensberger. Lipset estudou a luta dos movimentos sociais e a sua falta de compreensão sobre o desenvolvimento tecnológico como fator de liberdade dos indivíduos. As pessoas nunca conseguiriam renunciar aos seus bens e libertar-se da alienação laboral e da pressão do *status* social.

b) Identidade coletiva de referência de grupo. A comunicação pública em toda a comunicação social contribui para a aquisição de um capital simbólico, reforçando a identidade do grupo e fortalecendo o sentimento de pertença a um grupo (SgROI, 2004, Chaparro, 2004; Álvarez, 2005; Curran, 2005). Esses símbolos também podem fomentar a ação dos movimentos sociais (Duarte, 1998; Marí, 2004) ou promover o orgulho nacional (Sampedro, Burnhurst e Cordeiro 2003, Zhao e Hackett, 2005). O crescimento dos nacionalismos também foi analisado por Giddens (2000), Mattelart (A. & M.) e Delacourt (1984) e por Arendt (2006), que o consideram uma fonte potencial de conflito

Dinâmica social 5: "Aparecimento // Desaparecimento do capitalismo monopolista global"

A maioria das frases nesta categoria menciona simultaneamente dinâmicas de consenso e de conflito, e referem-se a inovações tecnológicas que afetam os movimentos antiglobalização, que é o principal grupo que luta contra o sistema capitalista monopolista global⁷. Como salientam Echart, López e Orozco (2005: 20), o movimento antiglobalização surge do pôr em causa a "globalização neoliberal, as suas características e os seus impactos". As TIC supostamente servem para estimular o acordo social entre grupos, mais do que enfrentar a globalização neoliberal (Amat et al., 2002). Essas redes tentam promover a cooperação entre os países (Muñoz, 2005); são plataformas de ativistas cibernéticos que promovem a renovação das estruturas do capitalismo informacional (Fuchs, 2008).

Na literatura analisada, as plataformas digitais são apresentadas como meios para reunir pessoas fisicamente e, eventualmente, desencadear confrontos com as forças policiais e militares sob a autoridade das instituições capitalistas. No entanto, mesmo que o questionar o capitalismo seja canalizado através de uma luta ativa, não significa o fim do sistema, mas apenas - e não sempre - a visibilidade e resistência de grupos como o movimento antiglobalização. As frases refletem claramente as consequências dos acordos desses grupos, porque geralmente conduzem a um conflito com a ordem económica atual (Sábada e Roig, 2004; Sreberny, 2005).

Isso significa que esses movimentos sociais podem causar alguns inconvenientes às instituições capitalistas, mas, de qualquer forma, o uso das TIC provocaria o desaparecimento do capitalismo monopolista. Entre outras coisas, porque "os meios de comunicação social não parecem conduzir a estruturas democráticas de organização em rede, mas estão inseridas em hierarquias, estruturas de poder internas e formação de elites dentro dos movimentos sociais" (Gerbaudo, 2012, Fuchs e Sandoval, 2015). Treré

⁷ O conceito de "capitalismo monopolista" é referido no último quartel do século XIX, quando a sociedade apresentou características que os sociólogos não-marxistas apelidavam de "sociedade de consumo em massa", "sociedade de bem-estar", ou sociedade pós-industrial" (Cf. Martín Serrano, 1986, 2008:41).



e Cargnelutti (2014: 183-203) enfatizam que a nova economia da Internet está longe da democracia, pois está ligada a "questões de vigilância neoliberal, controlo corporativo e à exploração laboral imaterial dos usuários".

Dinâmica social 6: "Mudança // Estabilização da organização do trabalho"

Esta dinâmica inclui frases de consenso, nas quais a transformação comunicacional gera novas formas de rede, mudanças nas comunicações internas dentro das organizações, novas formas de administração e coordenação, novas estratégias, etc. Ou seja, mudanças na organização do trabalho que foram previamente acordadas por essas organizações e que levaram a uma maior efetividade na consecução de objetivos, seja através de um aumento da visibilidade das ações, ou da capacidade de mobilização e participação.

Identificou-se uma grande questão: *a globalização das comunicações aumenta a capacidade de reunir os cidadãos*. As TIC tornam a "estrutura reticular" dessas organizações mais efetiva (Juris, 2004), por exemplo, reduzindo a burocracia (León, Burch e Tamayo, 1995), ou melhorando a penetração de mensagens na consciencialização dos cidadãos (López, Roig e Sábada, 2003, Sreberny, 2005).

Sobre este assunto, Melucci (1980: 219-220) afirmou que o controlo da informação pelo Estado e outras instituições com poderes confere aos movimentos sociais a natureza dos comportamentos desviantes individuais. Na era da globalização, os novos movimentos sociais não se centram no sistema político, procurando em vez disso autonomia e independência do Estado. Caracterizam-se pela "solidariedade" e exigências de "identidade". No entanto, este autor também advertiu sobre o perigo de "fragmentação" e "descontinuidade" dentro desses grupos, porque rejeitam qualquer tipo de representação (Melucci, 1980: 220-221). A análise de Mattelart (A. e M.) e Delacourt (1984) centrou-se mais na influência da comunicação globalizada sobre a coesão do grupo do que na fragmentação.

Dinâmica social 7: "Transformações sócio-históricas // Reprodução"

Quase todas as frases dentro desta dinâmica relacionam as transformações comunicacionais com as mudanças sociais e as transformações sócio-históricas/estruturais.

Em relação aos textos onde o uso social das TIC contribui para a unidade da sociedade, os novos meios de comunicação aumentam todas as formas de integração global dos movimentos sociais, organizações do terceiro setor, comunidades e redes de cidadãos globais (Cavallo, 2006; Lash, 2005; Del Gizzo e Rozengardt, 2005; Tilly, 2009).

No entanto, Jan Van Dijk questiona os efeitos dos novos meios de comunicação na sociedade moderna e afirma que "as mudanças serão mais evolutivas do que revolucionárias e a sociedade em rede não será um tipo de sociedade completamente diferente" (Van Dijk, 2012: 277).

Bourdieu e Passeron (1981) propuseram uma perspetiva teórica adicional. Consideraram que a integração de um grupo reside na identidade ("total ou parcial") do "habitus inculcado" por diferentes instituições de socialização (escola, comunicação social, família, ...). Esses autores consideraram as filosofias sociais do consenso "ingénuas",



argumentando que reduzem a integração de um grupo à posse de um repertório comum de representações (Bourdieu and Passeron, 1981: 76).

Relativamente aos textos onde o uso social das TIC contribui para o consenso e, ao mesmo tempo, para o conflito, o ativismo é supostamente contrário à reprodução da atual ordem social. Nesta dinâmica, a "ordem estabelecida" é mencionada genericamente, sem especificar qual o tipo de ordem contra a qual lutam. Por exemplo, o consenso entre os membros dessas organizações, graças ao ativismo dos meios de comunicação minoritários, pode ser bastante eficaz para mudar a ordem estabelecida (Curran, 2005).

Do ponto de vista de Žižek (2008), este acordo entre membros de grupos emancipatórios que pretendem mudar a ordem social apresenta uma contradição: o sistema que querem derrubar é exatamente aquele que fornece as ferramentas de que necessitam para a mobilização. Assim, este autor questiona abertamente a eficiência dos movimentos globais para uma mudança social real.

Dinâmica social 8: "Humanização // Desumanização"

Há algumas frases incluídas nesta dinâmica. São cláusulas que sugerem exclusivamente que as TIC promovem a solidariedade da rede. Essas transformações comunicacionais podem produzir solidariedade no seio de toda a sociedade (o que envolve consenso social) ou solidariedade para com coletivos específicos ou causas sociais (que podem simultaneamente envolver consenso e conflito social). Por exemplo, um êxodo de refugiados para países vizinhos pode afetar a ação coletiva, através da rede social, de proteger os seus direitos humanos, o que pode colocar os governos com políticas anti-imigração numa situação difícil.

Normalmente, a eficácia da comunicação nesses casos vem de ambos, meios instrumentais e simbólicos que facilitam a identidade coletiva e a solidariedade dos grupos sociais. Mas outros autores como Rupp e Taylor (1987) ou Melucci (1996) (em Diani, 2000) consideram que é "o sentimento de identificação e solidariedade mútua que vincula os atores dos movimentos e assegura a continuação dos movimentos, mesmo quando não existem campanhas específicas (Diani, 2000: 387). Alguns autores como Melucci (1980) ou Castells (2002a) associaram o crescimento da cultura colaborativa à comunicação digital, ao aparecimento e à proliferação de movimentos movidos pelo sentimento de solidariedade. Pelo contrário, Han (2014b) considera que na era digital, quando existe uma cooperação universal para reverter o sistema neoliberal, há uma grande contradição: "Não existe uma multidão cooperante e interconectada que se manifeste num protesto e revolução global" (Han, 2014b: parágrafo 15). Žižek (2008, 20-22) vai ainda mais longe, afirmando que a Internet não promove nem sequer o significado de "partilha universal", e que o poder líquido pertence ao que ele chama "comunistas liberais", que são legitimados por toda a sociedade. Eles representam o novo poder do capitalismo moderno (anteriormente bancário) e não visam a riqueza económica, apenas mudam o mundo, mesmo que na persecução desse objetivo aumentem o lucro.



Dinâmica social 9: "Criatividade // Rotinização"

Identificou-se um número escasso de frases nesta dinâmica, todas referentes às transformações comunicacionais que envolvem a rotinização ou a comercialização de cultura, artes, educação, meios de comunicação, Internet, etc. Esses textos também incluem as transformações que produzem autonomia ou dependência cultural e outros fenômenos, tais como o desaparecimento das culturas, das línguas, da transculturalidade, da uniformidade cultural, etc. Como mencionado anteriormente, essas transformações podem estar relacionadas com consenso e conflito social. A questão mais comum é a seguinte: os novos meios de comunicação geram consenso em grupos que rejeitam a homogeneização cultural, como, por exemplo, a introdução da comunicação horizontal dos novos meios de comunicação para evitar a homogeneização (Gerace, 2008). Também é de notar a existência de um melhor acesso por parte de grupos cosmopolitas, consumidores, fundamentalistas e, em termos gerais, de movimentos que reagem a essa unificação cultural (Murdock, 2006).

As tecnologias de transmissão e de armazenamento digital, ou redes sociais como a Indymedia, podem mudar as mentalidades, valores, crenças e visões de mundo das pessoas (VV.AA., 2000). No entanto, como observa López (2006), a coesão cultural dos novos movimentos que almejam uma transformação radical da ordem transnacional estabelecida é a chave para o confronto entre esses grupos e as instituições que detêm o poder.

Reflexões teóricas

A análise de frases lógicas fornece uma visão geral de cenários futuros sobre o papel desempenhado pelas TIC como ferramenta de movimentos sociais diversos na reprodução ou na mudança social na era da globalização. A literatura científica e técnica sobre a questão registra o consenso social promovido pelos movimentos sociais e, em menor grau, pelas ONGs e outros movimentos políticos. Esse consenso está por vezes associado a conflitos com instituições e organizações com interesses opostos. Por outras palavras, as inovações tecnológicas que afetam os movimentos sociais podem estar ligadas à perspectiva do conflito que impulsiona a mudança social. O marxismo e o darwinismo social apoiaram essa abordagem e os sociólogos de todo o mundo afirmam que o conflito é essencial e positivo para as relações sociais (González Seara, 1971: 138-227).

Eventualmente, as transformações comunicacionais que afetam as ONGs conduzem a dinâmicas sociais de humanização (pois promovem ações de solidariedade). Isso pode estar de acordo com a teoria do consenso proposta por Comte e Durkheim, para quem a harmonia social baseada num acordo geral entre indivíduos e grupos é crucial. (Cf. Campbell, 2002: 138-227).

A grande maioria das frases analisadas aponta para transformações comunicacionais que afetam os movimentos sociais e, ao mesmo tempo, estão relacionadas com: em primeiro lugar, com o aumento da participação democrática e a diminuição do poder político e económico. Em segundo lugar, o aumento do pensamento crítico, mediante a capacidade de convocar cidadãos e mobilizar pessoas para fins políticos. Em terceiro lugar, o crescimento dos fluxos de informação e das interações virtuais entre membros de movimentos sociais, que poderiam (ou não) dar origem a mais interações presenciais.



Esta perspectiva está em conformidade com os pontos de vista de alguns autores que afirmam que as revoluções contemporâneas estão associadas a protestos em rede de movimentos de ação conjunta e meios de comunicação social (Castells, 2012), enquanto outros autores interpretam este fato como um determinismo tecnológico e como ferramentas de comunicação social de governos e instituições capitalistas (Fuchs, 2015). Noam Chomsky (1999) há muito que se refere ao determinismo tecnológico que liga as TIC a uma democracia mais participativa.

Na mesma linha, na década de 1970 Armand e Michèle Mattelart (2000: 162) afirmaram que a importância crescente dos meios e sistemas de comunicação e sua internacionalização era crucial para que os cidadãos assumissem certos valores e visões do mundo. Esta visão está em desacordo com a ideia que as inovações tecnológicas proporcionam aos movimentos sociais um maior exercício de reflexão crítica. Os dois autores denunciam o uso da comunicação por parte de certos poderes estabelecidos (governos ou organizações) para manter o *status quo*. Além disso, embora nos textos analisados existam muitas frases sobre a chamada horizontalidade (a diminuição do poder dos governos), não parece afetar todas as instituições privadas com as quais os movimentos sociais têm conflitos. Não se pode omitir que, na era da globalização, os magnatas tecnológicos mais poderosos estão a oferecer essas inovações "de graça" aos movimentos sociais e a muitos outros usuários.

Quanto ao aumento dos fluxos de informação e das interações que afetam os movimentos sociais, a literatura analisada tem a ver com o conceito de "Sociedade em Rede". Esta expressão (avançada principalmente por François Lyotard) tem sido utilizado por autores como Castells (2004) e Melucci (1980) quando analisam os Novos Movimentos Sociais no seio das Novas TIC. Especificamente, no âmbito das redes sociais, Melucci (2001) afirma que os novos movimentos sociais se caracterizam por dois fatores: uma negociação constante da identidade coletiva e a sua unificação e fragmentação simultânea.

Os novos movimentos sociais podem ser entendidos como formas reativas de ação coletiva perante um conflito pré-existente. Procuram soluções para dar respostas à falta de avaliação durante o pós-materialismo. Candon (2010) dilata esse argumento e ressalta que as TIC, e especialmente a Internet, produziram um fluxo de conexões e informações que perturbam as estruturas do ativismo e da participação e associação política.

Conclusões

Na literatura científica e académica analisada, para cada texto relacionado com consenso, há cinco sobre consenso e conflito juntos. Isso significa que mesmo que se pense que as interações virtuais aumentam a participação dos cidadãos e a democratização das sociedades, *de acordo com académicos e cientistas, o uso das TIC por parte dos movimentos sociais contribui para os conflitos entre sistemas sociopolíticos e organizações civis.*

Há expectativas positivas quanto à criação de movimentos sociais e conquista dos seus objetivos graças ao uso das TIC, o que conduz à seguinte conclusão:

Existem novas tecnologias que incentivam a troca de conhecimento e as interações sociais entre indivíduos e as suas redes. Essas inovações tecnológicas funcionam



coletivamente em tempo real e bloqueá-las é bastante complexo. Neste contexto, conclui-se que, com recurso às TIC, os movimentos sociais podem ajudar a transferir o poder do Estado para a Sociedade Civil.

De referir que essas dinâmicas consensuais são o resultado de conflitos (geralmente de natureza política) ou podem ter sido a origem das mesmas. De qualquer forma, podem conduzir a uma crise de poder institucional.

Na maioria dos casos, "a participação numa contestação através da Internet" é considerada uma "ação" que pode produzir mudanças sociais. Nesses casos, a diferença entre atos executivos e expressivos é bastante ténue. A diferença entre "fazer" e "o que precisa de ser feito" é muitas vezes confundida.

À luz desta análise, vale a pena referir os limites deste estudo e de qualquer outro baseado na análise da representação. Essas representações podem ser comparáveis às anteriores, expressas ao longo da história das ideias. O presente artigo procurou avaliar as diferenças e equivalências sempre que os resultados do estudo o permitiram. No entanto, não é possível prever as mudanças associadas à utilização das TIC pelos movimentos sociais que ocorrerão no futuro, com base em nada mais do que abordagens prospetivas contidas na literatura científica-académica analisada. Isso seria ultrapassar o nível. No entanto, podemos validar ou refutar uma representação de mudanças sócio-históricas, embora, para atingir esse objetivo, seja preciso esperar o tempo necessário para que essa previsão se verifique. Assim, investigar se os movimentos sociais poderão transferir o poder do Estado para a sociedade civil graças ao uso das TIC é uma possível investigação interessante a conduzir futuramente.

Referências Bibliográficas

Álvarez, J. T. (2005). *Gestión del poder diluido. La construcción de la sociedad mediática (1989-2004)*. Madrid: Pearson.

Amat, D., Brieger, P., Ghiotto, L., Llanos, M. y Percovich, M. (2002). La globalización neoliberal y las nuevas redes de resistencia global. *Cuaderno de Trabajo*, 8, pp. 6-37.

Armstrong, E. A., & M. Bernstein (2008). Culture, power, and institutions: A multi-institutional politics approach to social movements. *Sociological theory*, 26(1), pp. 74-99.

Arendt, H. (2006, 1st ed. 1969). *Sobre la violencia*, (G. Solana, trad.). Madrid: Alianza.

Bernete, F. & O. Velarde (2014). Designs for Social Sciences. Study of Globalized Future Scenarios. *International Journal of Humanities and Social Science*. Vol. 4, 11 (1). September, pp.93-108.

Bourdieu, P. y Passeron, J. C. (1981) *La reproducción: elementos para una teoría del sistema de enseñanza*. Barcelona: Laia.

Campbell, T. (2002). *Siete teorías de la sociedad*. Madrid: Catedra.

Candón, J. (2010). Internet en Movimiento: Nuevos movimientos sociales y nuevos medios en la sociedad de la información. Tese de Doutoramento. Universidad Complutense de Madrid.



Castells, M. (2000a). Toward a Sociology of the Network Society, *Contemporary Sociology*, 29(5) September: pp. 693–699.

Castells, M. (2002a). "Globalización y antiglobalización". In J.E Stiglitz y M. Barlow, *Pánico en la globalización* (pp. 86-87). Bogotá, Colombia: Fica.

Castells, M. (Ed.) (2004). *The Network Society. A Cross-cultural Perspective*. Cheltenham, Northampton, EUA: Edward Elgar.

Castells, M. (2012) *Networks of Outrage and Hope: Social Movements in the Internet Age*. Cambridge: Polity Press.

Cavallo, M. (2005). *La comunicazione pubblica tra globalizzazione e nuovi media*. Milão: Franco Angeli.

Chaparro, M. (2004). Mediacentro, la propuesta de comunicación participativa para las ciudades y los barrios de la red EMA RTV. In V.M. Marí Sáez (Coord). *La Red es de todos. Cuando los movimientos sociales se apropian de la red* (pp.137-153). Madrid: Popular.

Cheney, G., S. Ganesh & Zoller, H. (2005). Transforming Resistance, Broadening Our Boundaries: Critical Organizational Communication Meets Globalization from Below. *Communication Monographs*, 72(2), 169-191.

Chomsky, N. (1992). *Ilusiones necesarias: control del pensamiento en las sociedades democráticas*. Madrid: Libertarias/Prodhuvi.

Chomsky, N. (1999, 1st ed. 1989). *Necessary Illusion. Thought Control in Democratic Societies*. Pluto Press: London.

Cornelissen & M.D. Werner (2014). Putting Framing in Perspective: A Review of Framing and Frame Analysis across the Management and Organizational Literature, *The Academy of Management Annals*, 8:1, pp.181-235, [em rede] DOI:10.1080/19416520.2014.875669

Coser, L. A. (1956). *The functions of social conflict*. Londres: Routledge and Kegan Paul.

Curle, A. & M. A. Dugan (1982). Peacemaking: Stages and Sequence*. *Peace & Change*, 8, pp. 19–28.

Curran, J. (2005). *Medios de comunicación y poder en una sociedad democrática*. Barcelona: Hacer.

De Bakk, F.G.A., F. Den Hond, B. King & K. Weber (2013). Social Movements, Civil Society and Corporations: Taking Stock and Looking Ahead, *Organization Studies*, 34 (5-6), pp. 573 – 59.

Del Gizzo, F. y Rozengardt, A. (2005). "La sociedad civil y la sociedad de la información: lo local como eje de convergencia". In S. Finquelievich, *Desarrollo local en la Sociedad de la Información. Municipios e Internet* (pp.73-98). Buenos Aires: La Crujía.

Della Porta, D. & S. Tarrow. (2004). *Transnational Protest and Global Activism*. Lanham, MD: Roman & Littlefield.

Diani, M. (2000). Social movement networks virtual and real. *Information, Communication & Society*, 3(3), pp. 386-401.

Duarte, F. (1998). *Global e local no mundo contemporâneo: integração e conflito em escala global*. Brasil: Moderna.



Echart, E., López, S & Orozco, K. (2005). *Origen, protestas y propuestas del movimiento de antiglobalización*. Madrid: Instituto Universitario de Desarrollo y Cooperación, Universidad Complutense de Madrid: Libros La Catarata.

Enzensberger, H. M. (1971). *Elementos para una teoría de los medios de comunicación*. Barcelona: Anagrama.

Freedman, D. (2014). *The contradictions of Media Power*. London: Bloomsbury.

Fuchs, C. (2008). *Internet and society. Social theory in the Information Age*. Nova Iorque: Routledge.

Fuchs, C. (2015.) *Culture and economy in the age of social media*. Nova Iorque: Routledge.

Fuchs, C. and M. Sandoval. (2015). "The Political Economy of Capitalist and Alternative Social Media". In C. Atton (ed.). *The Routledge Companion to Alternative and Community Media*, ed., (pp.165-175). Londres: Routledge.

Galtung, J. (1969). Violence, Peace, and Peace Research. *Journal of Peace Research*, 6(3), pp. 167-191.

Gerace, F. (2008). "Participación y comunicación". In A. Gumucio-Dagron y T. Tufte (comp). *Antología de la comunicación para el cambio social. Lecturas históricas y contemporáneas* (pp.127-137) Londres: Consorcio de Comunicación Cambio Social.

Gergen, K. J. (2008) "Mobile communication and the transformation of the democratic process". In J. E. Katz (ed.). *Handbook of mobile communication studies*, pp. 297-310. Cambridge (UK): MIT Press.

Giddens, A. (2000). *Un mundo desbocado: Los efectos de la globalización en nuestras vidas*. Madrid: Taurus.

Gillan, K. (2017). 2010+: The rejuvenation of new social movement theory?, in *Organization*, 24, (2), pp. 271 - 274.

González Seara, L. (1971). *La sociología, aventura dialéctica*. Madrid: Tecnos.

Habermas, J. (1984, 1st ed. 1968). *Ciencia y técnica como "ideología"*. (M. Jiménez Redondo e M. Garrido, trad.). Madrid: Tecnos.

Han, B.C. (2014a). *En el enjambre*. (R. Gabás, trad.). Barcelona: Herder.

Han, B.C. (2014b): Paragraph 8). Why Revolution Is Impossible: On The Seductive Power Of Neoliberalism. Worldcrunch (2014/9/12). Retirado de: <https://www.worldcrunch.com/opinion-analysis/why-revolution-is-impossible-on-the-seductive-power-of-neoliberalism>

Juris, J. S., (2004). "Indymedia: de la contra información a la utopía informacional". In V. M. Marí Sáez (Coord.) *La red es de todos: cuando los movimientos sociales se apropian de la red* (pp.154-177). Madrid: Popular.

Laube, H. (2010). Meaning-(Re) Making, Demand-Making, and Making Change: Feminist Sociologists Inside Academia, in Coy, P. G (Ed.), *Research in Social Movements, Conflicts and Change, Volumen 30*, (pp.4-41). Reino Unido /etc.: Emerald.

Lash, S. (2005). *Crítica de la información*. Buenos Aires, etc.: Amorrortu.



León, O., Burch, S. y Tamayo, E. (2005). *Comunicación en movimiento*. Quito: Agencia Latino Americana de Información.

López, M. (2006). "El arte de llegar al público". In A. Enz, R. Fantin e I. Laharrague (Eds.), *Comunicar para el cambio social* (pp. 51-54). Buenos Aires: La Crujía.

López, S., Roig, G. y Sádaba, I. (2003) Nuevas tecnologías y participación política en tiempos de globalización. *Cuadernos de Trabajo de Hegoa*, 35, pp.5-60.

Marí, V. M. (Coord.) (2004). *La Red es de todos: Cuando los Movimientos Sociales se apropian de la Red*. Madrid: Editorial Popular.

Martín Serrano, M. (1986, 2008). *La producción social de comunicación*. Madrid: Alianza.

Martín Serrano, M. (1994). La comunicación pública y la supervivencia. *Diálogos de la Comunicación* 39, pp. 5-11.

Martín Serrano, M. (2014). La globalización: Un espacio y un tiempo de confrontación entre opciones humanizadoras y deshumanizadoras. *Telos*, 98, pp. 14 – 23.

Mattelart, A. & Mattelart, M. (2000) (Edición original, 1987): *Pensar sobre los medios: comunicación y crítica social*. Santiago de Chile: LOM.

Mattelart, A. (2002). "Premisas y contenidos ideológicos de la sociedad de la información". In J. Vidal Beneyto (coord.) *La ventana global: ciberespacio, esfera pública mundial y universo mediático* (pp. 65-80). Madrid: Taurus Ediciones.

Mattelart, A, Delcourt, X., Mattelart M. (1984). *¿La cultura contra la democracia?*. Barcelona: Mitre.

McAdam, D. (1988). *Freedom Summer*. Nova Iorque /Oxford: Oxford University Press.

McAdam, D. (2017). Social Movement Theory and the Prospects for Climate Change Activism in the United States. *Annual Review of Political Science*, 20, pp.189-208.

Melucci, A. (1980). The new social movements: A theoretical approach. *Social Science Information* [em linha], 19(2), pp. 199-226.

Melucci, A. (2001), *Vivencia y convivencia: teoría social para una era de la información*, Madrid: Trotta.

Mhlanga, B. & M. Mpofo (2014). "The Virtual Parallax: Imaginations of Mthwakazi Nationalism – Online Discussions and Calls for Self-Determination" (pp.129-146). In Solo, A.M., *Handbook of Research on Political Activism in the Information Age*, IGI Global.

Miller, V. (2011). *Understanding digital culture*. Londres; Tousand Oaks: Sage.

Morozov, E. (2011). *The net delusion. The Dark Side of Internet Freedom*. Nova Iorque: Public Affairs.

Muñoz, B. (2005) *La cultura global: medios de comunicación, cultura e ideología en la sociedad globalizada*. Madrid: Pearson.

Murdock, G. (2006) "Cosmopolitans and Conquistadors: Empires, Nations and Networks". In O. Boyd-Barret (Ed.) *Communications media, globalization, and empire* (pp. 17-32). Eastleigh, RU: John Libbey & Company.

Petrilli, S. y Ponzio, A. (2000). *Il sentire della comunicazione globale (Vol. XIII)*. Roma: Meltemi Editore.



Polletta, F. 2002. *Freedom Is an Endless Meeting: Democracy in American Social Movements*. Chicago: University of Chicago Press.

Ramonet, I. (2000, 1st ed. 1980). *La golosina visual*. Madrid: Debate.

Sádaba, I. & Roig, G. (2004). "Nodo50. Territorio virtual para los movimientos sociales y la acción política". In V. M. Marí Saez (Coord.) *La Red es de todos. Cuando los movimientos sociales se apropian de la red* (pp. 195-234). Madrid: Editorial Popular.

Sampedro, V., Barnhurst, K. y Cordeiro, T. (2003). "La edad de la inocencia. Medios comerciales y jóvenes ciudadanos". In V. Sampedro Blanco (Ed.) *La pantalla de las identidades. Medios de comunicación, políticas y mercados de identidad* (pp. 55-80). Barcelona: Icaria.

Schneiberg, M., & Lounsbury, M. (2017). "Social movements and the dynamics of institutions and organizations". In Royston Greenwood, Christine Oliver, Thomas B. Lawrence, Renate E. Meyer (Eds.) *The SAGE Handbook of Organizational Institutionalism (2ª Ed.)* (pp.281-310). Los Angeles, etc.: SAGE, pp.281-310.

Sgroi, E. (2004, 1ª reimp.). Città ed esclusione sociale: ripariamo di comunità. In P. Guidicini, G. Pieretti, M. Bergamaschi. *L'urbano, le povertà: quale welfare: possibili strategie di lotta alle povertà urbane* (pp.17-24). Milão: Franco Angeli.

Social Movement Studies, Journal. "Aims and scope". Retirado de: <http://www.tandfonline.com/action/journalInformation?show=aimsScope&journalCode=csms20>

Sreberny, A. (2005). Globalization, Communication, Democratization: Toward Gender Equality. En R. A. Hackett & Y. Zhao. *Democratizing Global Media. One World, Many Struggles* (pp. 245-268). Lanhan (EUA): Rowman and Littlefield Publishers Inc.

Surman, M y Reilly K. (2005). Apropiarse de Internet para el cambio social. Hacia un uso estratégico de las nuevas tecnologías por las organizaciones transnacionales de la sociedad civil, *Cuadernos de Trabajo de Hegoa*, 38.

Tarde, G. (2011, 1st ed. 1890). *Las leyes de la imitación y la sociología (Vol. 13)*. (A. García Góngora, trad.). (Edición de Pablo Nocera). Madrid: Centro de Investigaciones Sociológicas. (Obra original; 1890)

Tilly, C. (2009). *Los movimientos sociales, 1768-2008: Desde sus orígenes a Facebook*. Barcelona: Crítica.

Treré, E. y Cargnelutti, D. (2014). Movimientos sociales, redes sociales y Web 2.0: el caso del Movimiento por la Paz con Justicia y Dignidad. *Comunicación y sociedad*, 27(1), pp. 183-203.

Valencia, D. G. (2003). "Nuevas y viejas formas de lo público en tiempos de globalización". In J. M. Pereira y M. Villadiego (Eds.) *Comunicación, cultura y globalización* (pp.112-118). Bogotá, Colombia: Centro Editorial Javeriano.

Van Dijk, J. (2012). *The network society*. Sage Publications.

Van Dijk, T. A. (1995). Discourse semantics and ideology. *Discourse & Society*, 6(2), pp. 243-289.



Vizer, E. A. (2011). El sujeto móvil de la aldea global. Tendencias en la sociedad mediatizada. *Mediaciones Sociales. Revista de Ciencias Sociales y de la Comunicación*, 8, pp. 21-43.

VV.AA. (2000). *Desafíos de la sociedad de la información en América Latina y Europa. Primer Foro de las Comunicaciones*. Santiago de Chile: Unicom y Ediciones LOM.

Willson, M. (1997). "Community in the abstract: a political and ethical dilemma?". In D. Holmes (Ed.) *Virtual politics: Identity and community in cyberspace* (pp.145-62). London: SAGE in association with Theory, Culture and Society.

Wolton, D. (2002). *Internet ¿y después?* Barcelona: Gedisa.

Zhao, & Hackett, R.A. (Eds.) (2005). *Democratizing Global Media: One World, Many Struggles*. Lanham, MD: Rowman & Littlefield.

Žižek, S. (2002). *Welcome to the desert of the real! Five essays on September 11 and related dates*. London, New York: Verso.

Žižek, S. (2008). *Violence. Six sideways reflections*. Nova Iorque: Picador.